



UMA TRAGÉDIA COMO MARCO DE UMA GUERRA: A BATALHA DO IRANI (1912)

Eloi Giovane Muchalovski

RESENHA

KUNRATH, Gabriel Carvalho. **Não tivemos outro jeito, ou morríamos ou nos defendíamos: uma análise acerca da Batalha do Irani (1912)**. 2020. 172f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

No dia 22 de outubro de 1912, no Banhado Grande, região de Irani, ocorreu a refrega que ficou marcada na historiografia como o início da Guerra do Contestado. Nomeado “Batalha do Irani” pela imprensa da época, o combate resultou na morte do Monge José Maria, reconhecido líder dos sertanejos, e do coronel João Gualberto, chefe militar da ofensiva, posteriormente transformado em herói da polícia do Paraná. Segundo Rodrigues (2008), a morte de João Gualberto surpreendeu a sociedade e o próprio Exército, tanto que a imprensa nem sabia como noticiar com segurança o acontecimento.

A situação de alarde instalada nos primeiros anos da República, em que movimentos e agrupamentos populares eram fortemente combatidos sob a alegação de serem levantes restauradores da Monarquia, impingiu certo alarmismo nos sertões. No planalto meridional, a atividade dos monges (João Maria de Agostini, João Maria de Jesus e José Maria de Santo Agostinho) foi relacionado com os eventos de Belo Monte, na Bahia, quando o ajuntamento de sertanejos sob o comando de Antônio Conselheiro causara grande desgaste ao governo e ao próprio Exército. Portanto, qualquer reunião sócio-religiosa junto a qualquer figura de liderança popular era duramente combatida.

Quando, em 1912, um curandeiro, dito monge, de grande influência entre os sertanejos pobres do planalto, fez presença na região de Curitibanos, logo as instituições e o poderio oligárquico movimentaram-se para tolher qualquer possível levante. O controle social do coronelismo empenhava-se para que, a ferro e fogo, fosse garantida a manutenção do sistema republicano.

Apesar de ter sido balizada como marco inicial da Guerra do Contestado, a Batalha do Irani não teve, até então, um estudo profundo que a problematizasse como objeto de pesquisa *per se*.



Sempre presente na historiografia, mas insuficientemente discutida, a Batalha simbolizou para os sertanejos a santificação de José Maria e o início de um período de reelaboração mística, um processo que Monteiro (1974) chama de “reencantamento do mundo”.

Nesse sentido, a dissertação de mestrado de Gabriel Carvalho Kunrath, intitulada *Não tivemos outro jeito, ou morríamos ou nos defendíamos: uma análise acerca da Batalha do Irani (1912)*, defendida em 2020, traz luz sobre eventos da Banhado Grande e apresenta-se como importante trabalho historiográfico para a compreensão de algumas das motivações que levaram milhares de sertanejos a lutar em defesa de seu modo de vida, das suas terras e em prol de um tempo de fartura.

O trabalho de Kunrath propõe examinar a Batalha do Irani nas suas diferentes versões, constituídas de repetições, permanências e alguns avanços historiográficos. Sob a metodologia da micro história e através da análise de fontes diversas, como processos criminais, matérias de jornais, telegramas, fotografias da época, entre outras, o autor objetiva compreender o episódio como uma resposta dos sertanejos da região e dos coronéis locais frente às transformações sociais e culturais que ocorriam no planalto catarinense e paranaense no início do século XX. A narrativa busca averiguar o papel da imprensa no conflito, aliando a tal o estudo da trajetória de alguns personagens protagonistas, os quais estão inseridos no contexto turbulento dos eventos. Da mesma forma, procura apresentar como a inserção do capital estrangeiro, por meio da Brazil Railway Company e da Lumber Colonization Company, influenciou os acontecimentos de outubro de 1912.

Assim, o texto é dividido em quatro capítulos. No primeiro, é apresentada uma dedicada análise historiográfica das principais obras que tematizam a Guerra do Contestado. Nesse caminho, são revisitados os trabalhos dos militares memorialistas que publicaram os primeiros textos sobre a guerra; analisadas as obras sociológicas das décadas de 1950, 1960 e 1970, as quais deram uma guinada interpretativa no tema e, por último; discutidos os recentes trabalhos historiográficos iniciados no final da década de 1980 e fortemente impulsionados a partir dos anos 2000. Para Kunrath, apesar dos avanços historiográficos nas últimas décadas, ainda fazia-se necessário um trabalho que esclarecesse algumas das mistificações criadas ao longo do tempo sobre os acontecimentos do Irani.

O segundo capítulo dedica-se a um estudo da trajetória de dois personagens emblemáticos do Contestado: o Coronel Francisco Ferreira de Albuquerque e o monge José Maria. Compreende-se através da pesquisa, o papel que essas figuras tiveram naquele contexto. Albuquerque,



ascendente líder político com ligações de compadrio com família Ramos, de Lages, empreendia uma liderança baseada em posses e na capacidade de garantir os interesses da oligarquia local. Esses atributos, asseguravam-no trânsito facilitado no governo do Estado de Santa Catarina e, conseqüentemente, a possibilidade de manter o controle municipal através do oferecimento de pequenos favores aos munícipes de Curitiba. José Maria, por sua vez, era visto por Albuquerque como uma ameaça, pois desempenhava importante papel junto aos sertanejos. Conhecedor de ervas medicinais e chamado de monge, José Maria exercia influência, congregava em si a capacidade de cura do corpo e do espírito, habilidades importantes para uma população que desconfiava dos médicos e padres. Para Kunrath (2020, p. 73) o fato de “não aceitar dinheiro o aproximava da mística dos monges e curar a esposa de uma pessoa com relativo destaque social pode ter garantido a confiabilidade de seus conhecimentos medicinais naquela sociedade”.

No terceiro capítulo, o autor dá continuidade a trajetória de José Maria inserindo-o na discussão dos embates acerca da disputa de limites entre Paraná e Santa Catarina. De grande importância para compreensão do Contestado com um todo, as disputas agrárias e políticas são centrais nesse trecho do trabalho. O mandonismo local e as aspirações políticas de João Gualberto, fizeram com que se empreendesse uma expedição militar de força desproporcional, com o objetivo de dispersar o Monge e seus seguidores então instalados no Irani. Perseguidos em Curitiba pela força policial catarinense, José Maria passou a ser objeto das ambições do Coronel João Gualberto, o qual partiu de Curitiba determinado a entrar para a história. E assim o fez, diferentemente, contudo, do que inicialmente ambicionara.

Enfim, “o Irani serviu de cancha de guerra”. Com essas palavras, o autor intitula em parte o quarto e último capítulo do trabalho, trecho em que o combate em si é problematizado e apresentado através de uma narrativa em que os personagens da Batalha são os protagonistas. Utilizando como fonte o processo crime contra Fabrício da Neves (morador que deu abrigo a José Maria no Irani), Kunrath refaz todos os passos e ações que levaram o governo do Paraná a atacar sertanejos pobres, e praticamente desarmados, na manhã do dia 22 de outubro de 1912. Um evento traumatizante e desastroso que nunca foi esquecido por aquela população, mas que serviu de motivação para a eclosão de um movimento único na história do Brasil: o movimento sertanejo do Contestado.

Posto isto, pode-se afirmar que a dissertação de Gabriel Kunrath é um trabalho relevante na historiografia do Contestado. Demonstra que a Batalha do Irani não pode ser analisada de



forma desassociada das ambições dos coronéis, do poder político e da rede de relações sociais que a população sertaneja mantinha naquele período de nossa história. Em suma, ratifica que o Irani foi mais que uma batalha, foi uma tragédia que marcou o início da Guerra do Contestado.

REFERÊNCIAS

MONTEIRO, Douglas Teixeira. **Os errantes do novo século**: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

RODRIGUES, Rogério Rosa. **Veredas de um grande sertão**: a Guerra do Contestado e a modernização do Exército Brasileiro. 2008. 430f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

Eloi Giovane Muchalovski
Mestre em História
eloigiovane@gmail.com

Recebido em 22/11/2021.
Aprovado em 31/05/2022.